



A EPE disponibiliza ao seu público o Boletim Trimestral do Consumo de Eletricidade, que em conjunto com a Resenha Mensal do Mercado de Energia Elétrica, ampliam a disseminação de informação sobre os principais movimentos do mercado de eletricidade no Brasil. Nesta edição, o comportamento nas classes de consumo comercial, industrial e residencial, de abril a junho de 2026, é analisado no contexto da conjuntura econômica e da dinâmica do mercado de eletricidade no país e em suas regiões.

OS PRINCIPAIS DESTAQUES DO 2º TRIMESTRE



CONTEXTO

Consumo de eletricidade teve aumento de 2,6%



COMERCIAL

Consumo comercial de energia elétrica acelera e cresce 4,9%



INDUSTRIAL

Consumo industrial de eletricidade avançou 0,2%



RESIDENCIAL

Consumo de eletricidade residencial registra alta de 5,8%



CONTEXTO ECONÔMICO

O consumo de eletricidade teve aumento de 2,6% no 2º trimestre de 2026

O consumo de eletricidade teve aumento de 2,6% no 2º trimestre de 2026, em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior. A classe residencial teve a maior taxa de crescimento no período com alta de 5,8%. A classe comercial aumentou em 4,9%, enquanto a classe industrial se manteve praticamente estável com uma variação positiva de 0,2%.

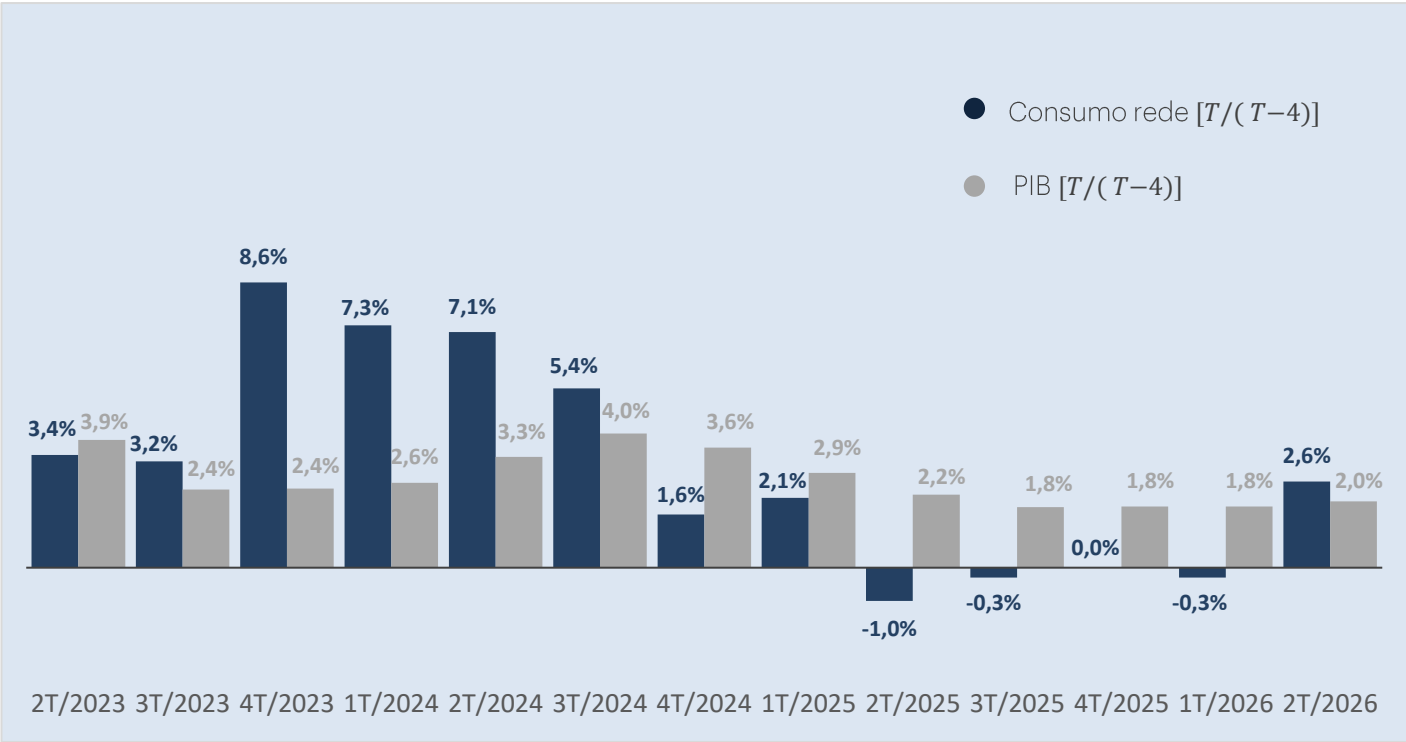
O PIB brasileiro cresceu 2,0% em relação ao 2º trimestre do ano anterior. Pelo lado da oferta, a agropecuária (+6,8%) foi a que apresentou maior expansão. A indústria (+1,5%) e o setor de serviços (+1,5%) tiveram a mesma taxa de crescimento. Sob a ótica da demanda, as exportações (+3,8%) foram destaque. Entretanto, as importações (+5,5%) cresceram de forma mais expressiva, diminuindo a contribuição do comércio externo. O consumo do governo (+3,1%), a formação bruta de capital fixo (+1,4%) e o consumo das famílias (+0,5%) também se expandiram.

A expansão de 5,8% no consumo de eletricidade da classe residencial contrasta com a pequena variação do consumo das famílias (+0,5%). Cabe destacar outros indicadores que podem vir a influenciar o crescimento do consumo dessa classe e que se relacionam ao mercado de trabalho, tais como: 1) diminuição da taxa de desocupação (de 5,8% para 5,4%); 2) aumento de 2,8% dos rendimentos médios reais e 3) elevação da ordem de 942,8 mil nas contratações quando se compara o estoque de junho de 2026 com o mesmo mês de 2025.

O consumo de eletricidade da classe comercial (+4,9%) cresceu em maior magnitude do que a atividade econômica do setor de serviços (+1,5%). Segundo a pesquisa mensal de serviços (PMS/IBGE), os serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias (+13,1%) e os serviços de tecnologia da informação (+9,9%) foram os que apresentaram as maiores taxas de crescimento em comparação ao 2º trimestre de 2025. Por outro lado, o transporte aéreo (-20,7%) foi o que teve a maior queda. Quanto ao comércio, os dados da PMC/IBGE apontam que os segmentos de livros, jornais, revistas e papelaria (+12,1%) e eletrodomésticos (+5,8%) apresentaram as maiores taxas de expansão. Apenas quatro segmentos tiveram leve queda no período. A maior retração foi do segmento de móveis (-0,7%).

A relativa estabilidade do consumo de eletricidade da classe industrial (+0,2%) se contrapõe à elevação da atividade industrial (+1,5%). De acordo com a PIM/IBGE, o índice da indústria geral cresceu cerca de 1,5% impulsionada pelo crescimento da indústria extrativa (+6,4%) e da indústria da transformação (+0,5%). Entre os segmentos da transformação, a fabricação de máquinas e equipamentos de uso na extração mineral e na construção (+19,6%), a fabricação de biocombustíveis (+16,3%) e a fabricação de produtos de carne (+12,0%) foram as atividades que mais cresceram. Tendo em vista os nove segmentos mais eletrointensivos da indústria da transformação, houve elevação em quatro deles: veículos automotores, reboques e carrocerias (+8,3%), metalurgia (+1,6%), borracha e material plástico (+1,5%), e minerais não metálicos (+1,0%). Os demais segmentos tiveram queda: produtos têxteis (-3,2%), produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-3,0%), químicos (-3,0%), celulose, papel e produtos de papel (-1,4%) e produtos alimentícios (-0,5%).

Figura 1 | Brasil: Consumo na rede vs. PIB



Fonte: IBGE (dados do PIB), EPE (dados de consumo na rede), 2026.



SETOR COMERCIAL E DE SERVIÇOS

Consumo de energia elétrica da classe comercial acelera e cresce 4,9% no trimestre

O consumo de energia elétrica da classe comercial cresceu 4,9% no 2º trimestre de 2026 no país, alcançando 26.987 GWh e mantendo a trajetória de expansão observada no trimestre anterior. Com esse resultado, o 1º semestre encerrou com crescimento de 2,7%.

No que se refere ao ambiente de contratação, o mercado livre apresentou crescimento de 10,3% no consumo da classe comercial em relação ao mesmo período do ano anterior. Em contrapartida, o mercado cativo registrou crescimento marginal, de 0,5%, reforçando a continuidade do processo de migração de consumidores para o Ambiente de Contratação Livre (ACL).

O maior dinamismo dos setores de comércio e serviços pode ter contribuído para o crescimento do consumo de eletricidade no 2º trimestre de 2026.

Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, o volume de vendas do comércio varejista cresceu 1,4% em relação ao mesmo período de 2025, enquanto o varejo ampliado apresentou avanço de 1,8%. Entre os segmentos com melhor desempenho no período destacaram-se livros, jornais, revistas e papelaria; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; e móveis e eletrodomésticos, com contribuição relevante do segmento de eletrodomésticos. No varejo ampliado, sobressaiu o segmento de veículos, motocicletas, partes e peças.

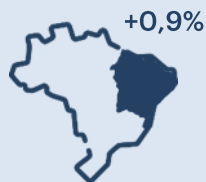
Já a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, registrou expansão de 1,6% no 2º trimestre de 2026, na comparação com o mesmo período de 2025. O resultado foi impulsionado principalmente pelos segmentos de informação e comunicação; serviços profissionais, administrativos e complementares; e serviços prestados às famílias. De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE, o volume de serviços prestados registrou expansão de 2,3% no 1º trimestre de 2026, na comparação com igual período do ano anterior. O resultado foi sustentado principalmente pelos segmentos de informação e comunicação; serviços profissionais, administrativos e complementares; e serviços prestados às famílias.

Regionalmente, o consumo de eletricidade da classe comercial apresentou crescimento em todas as regiões do país no 2º trimestre de 2026, com destaque para o Sul (+9,2%), seguido por Sudeste (+4,9%), Norte (+3,5%), Centro-Oeste (+3,2%) e Nordeste (+0,9%). A seguir, são apresentados os estados com os maiores volumes de consumo da classe comercial e os principais fatores associados ao desempenho regional.

+3,5%



A região Norte registrou crescimento de 3,5% no consumo de eletricidade da classe comercial no 2º trimestre de 2026, embora em ritmo inferior ao observado no trimestre anterior. No período, o consumo alcançou 1.669 GWh, com taxas positivas em todos os estados da região. Pará (+4,4%), Rondônia (+3,5%) e Amazonas (+3,3%) apresentaram as maiores expansões no trimestre. No Pará e em Rondônia, parte desse crescimento esteve associada ao aumento do número de dias faturados. Desconsiderando esse efeito calendário, decorrente do ciclo de faturamento das distribuidoras locais, o avanço do consumo comercial nesses estados teria sido menor.



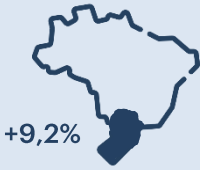
+0,9%

O consumo de energia elétrica da classe comercial no Nordeste avançou 0,9% tanto no 2º trimestre quanto no 1º semestre de 2026, em relação aos mesmos períodos de 2025, alcançando 3.993 GWh no trimestre. A região apresentou a menor taxa de expansão do consumo comercial entre as regiões do país nesses dois recortes. O resultado foi sustentado principalmente por Sergipe (+6,0%), Paraíba (+5,6%), Maranhão (+3,8%), Ceará (+3,7%) e Alagoas (+3,4%). Em sentido oposto, a Bahia, maior mercado consumidor da região, registrou retração de 3,7%, contribuindo para limitar o avanço regional. No 2º trimestre de 2025, predominaram temperaturas médias acima da climatologia de referência em grande parte do Nordeste, com registros superiores a 30°C, condição que pode ter favorecido o uso de equipamentos de climatização nos estabelecimentos comerciais. Em Sergipe e Alagoas, condições relativamente mais secas também podem ter contribuído para o desempenho do consumo. Do ponto de vista da atividade econômica, o comércio apresentou bom desempenho na Paraíba, Maranhão, Ceará e Alagoas, enquanto Sergipe, Paraíba e Alagoas também se destacaram positivamente no setor de serviços.



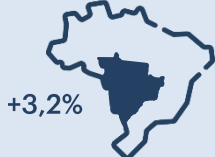
4,9%

O Sudeste registrou elevação de 4,9% no consumo de energia elétrica da classe comercial no 2º trimestre de 2026, revertendo a retração de 0,3% observada no trimestre anterior e totalizando 14.165 GWh, mantendo-se como a região de maior consumo comercial do país. Todos os estados da região registraram taxas positivas no período, com destaque para Espírito Santo (+7,5%) e São Paulo (+6,4%), que apresentaram as maiores expansões. As condições mais secas observadas na região, associadas a temperaturas mais elevadas em parte do Sudeste, podem ter contribuído para o aumento do consumo de eletricidade, especialmente pelo maior uso de equipamentos de climatização. Em São Paulo, o bom desempenho do setor de serviços pode ter contribuído para o resultado, enquanto, no Espírito Santo, o avanço das vendas no comércio varejista, tanto restrito quanto ampliado, pode ter favorecido a expansão do consumo comercial de energia elétrica.



+9,2%

A região Sul apresentou a maior expansão do consumo de energia elétrica da classe comercial entre as regiões no 2º trimestre de 2026, com alta de 9,2%, e no 1º semestre do ano, quando avançou 5,4%. No trimestre, o consumo alcançou 5.081 GWh. Todos os estados da região registraram aumentos expressivos, com destaque para o Rio Grande do Sul (+11,4%), seguido pelo Paraná (+8,8%) e por Santa Catarina (+7,6%). O bom desempenho do comércio restrito e ampliado pode ter favorecido o aumento do consumo da região. Apesar de aumento das temperaturas médias, o trimestre também teve episódios de frio intenso, o que pode ter elevado o uso tanto de refrigeração quanto de aquecimento. Outro fator que pode ter favorecido o aumento do consumo comercial é o efeito calendário, associado ao maior ciclo de faturamento de algumas distribuidoras do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Sem esse efeito, a taxa de crescimento seria menor.



+3,2%

O Centro-Oeste registrou crescimento de 3,2% no consumo comercial de energia elétrica no 2º trimestre de 2026, acelerando em relação à alta de 0,9% observada no trimestre anterior e alcançando 2.079 GWh. Goiás (+5,8%) e Mato Grosso (+4,8%) apresentaram os maiores avanços da região. O desempenho da atividade comercial, especialmente em segmentos do varejo ampliado, pode ter contribuído para o aumento do consumo de eletricidade nesses estados. Além disso, temperaturas acima da média e condições climáticas mais secas também podem ter favorecido o aumento do consumo comercial. Em contrapartida, o Distrito Federal (-0,5%) registrou retração, enquanto Mato Grosso do Sul (0,0%) permaneceu estável.

Figura 2 | Brasil: Variação do consumo de eletricidade no trimestre sobre igual período do ano anterior

		1º Tri (2026)	2º Tri (2026)	1º Semestre
	NORTE	5,1%	3,5%	4,3%
	NORDESTE	0,8%	0,9%	0,9%
	SUDESTE	-0,3%	4,9%	2,2%
	SUL	2,2%	9,2%	5,4%
	CENTRO-OESTE	0,9%	3,2%	2,0%
	BRASIL	0,7%	4,9%	2,7%

Fonte: EPE, 2026.



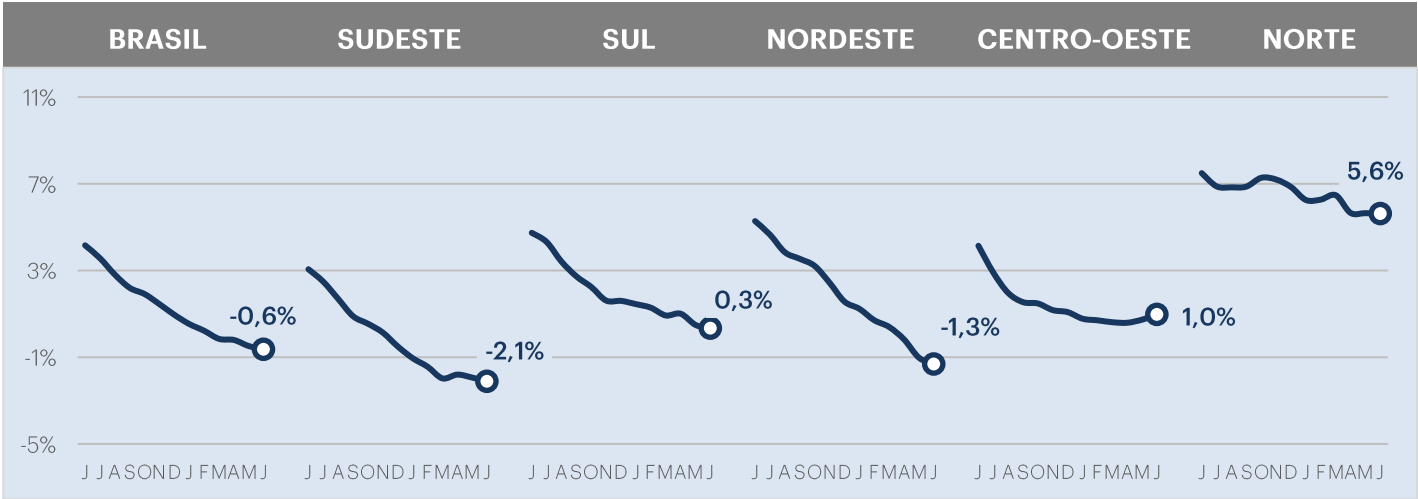
SETOR INDUSTRIAL

Consumo industrial de eletricidade avançou 0,2% no 2º trimestre de 2026

O consumo nacional de energia elétrica das Indústrias* foi de 50,4 TWh no 2º trimestre de 2026, crescimento de 0,2% em comparação com o mesmo trimestre de 2025. O PIB da indústria cresceu 1,5% no período, enquanto a indústria de transformação teve queda de 0,9%.

O resultado positivo do consumo industrial de eletricidade no 2º trimestre interrompe uma sequência de três trimestres consecutivos com taxas negativas. Geograficamente, a região Norte (+3,2%) foi a que mais elevou o consumo, seguida pelo Centro-oeste (+2,3%) e pelo Sul (+1,3%). Por outro lado, o consumo de eletricidade reduziu no Nordeste (-1,5%) e no Sudeste (-0,5%). Entre as Unidades da Federação, dezoito elevaram o consumo. O Sergipe (+15,9%) teve a maior expansão, enquanto Alagoas (-39,1%) registrou a maior queda, devido principalmente à indústria química. O consumo industrial acumulado nos últimos 12 meses foi de 199,2 TWh, queda de 0,6% na comparação com igual período anterior.

Figura 3 | Brasil e Regiões: Séries de taxas do acumulado de 12 meses do consumo industrial 2025-2026.



Fonte: EPE, 2026.

Pela ótica da demanda, a Formação Bruta de Capital Fixo (Investimento), o Consumo do Governo cresceu e o Consumo das Famílias cresceram no período. O último destes teve sua 21ª variação positiva consecutiva. A taxa de desemprego no 2º trimestre de 2026 foi de 5,4%, atingindo o menor nível já registrado desde 2012, quando começa a série histórica. O rendimento médio do trabalhador brasileiro foi o maior já registrado para um 2º trimestre (IBGE). Já o Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria (NUCI) foi de 83,0% em junho de 2026, recuo de 0,6 ponto percentual na comparação com junho de 2025 (FGV/IBRE).

Neste 2º trimestre, o consumo industrial de eletricidade avançou em 18 dos 37 setores monitorados pela EPE. Entre os dez setores mais eletrointensivos, seis consumiram mais, com o consumo neste grupo avançando 0,4% no período. Já nos demais setores da indústria o consumo de eletricidade recuou 1,4% na média.

Entre os eletrointensivos, a extração de minerais metálicos foi a atividade que mais expandiu o consumo de eletricidade na comparação interanual, acompanhando o bom desempenho do setor extrativo. A alta de 7,3% adicionou 287 GWh ao consumo da classe industrial no trimestre. O consumo cresceu principalmente no Pará, pelo aumento da produção de cobre e níquel. O consumo do setor também subiu no Espírito Santo, puxado pelo aumento da produção de pelotas e finos de minério de ferro.

A fabricação de produtos alimentícios também se destaca, adicionando 213 GWh ao consumo industrial de eletricidade neste 2º trimestre, alta de 3,1% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Segundo a PIM-PF do IBGE, a produção física do setor apresentou leve retração no período, porém com comportamento heterogêneo entre seus grupos. O aumento da produção no abate e fabricação de produtos de carne e na fabricação e refino de açúcar podem ter contribuído para o crescimento do consumo de eletricidade.

O setor automotivo aparece em terceiro lugar, alta de 1,4% no trimestre, com adição de 25 GWh ao consumo. Segundo dados da Anfavea, que representa o setor, a produção de automóveis cresceu 11,4% no 2º trimestre de 2026, na comparação interanual. Ainda segundo a entidade, em junho os eletrificados alcançaram participação recorde nas vendas de veículos leves, chegando a 21% do mercado.

A fabricação de produtos de borracha e material plástico também consumiu mais, adicionando 32 GWh (+1,1%), em linha com a expansão na produção física no mesmo período. Segundo o IBGE, a produção do setor foi puxada pela fabricação de produtos de material plástico, enquanto a fabricação de produtos de borracha retraiu.

O consumo de eletricidade cresceu ainda na fabricação de produtos de minerais não metálicos (+0,9%), acompanhando a produção física do setor, e em produtos têxteis (+0,2%). No segundo, o bom desempenho no grupo preparação e fiação de fibras têxteis pode ter respondido pela alta no consumo, ainda que a produção física global do setor tenha caído no período.

Por outro lado, a metalurgia, maior consumidor de eletricidade da indústria, foi o que mais reduziu o consumo no 2º trimestre de 2026. O setor deixou de consumir 396 GWh neste trimestre, queda de 3,1% na comparação interanual. A produção física avançou no mesmo período, porém com queda nos grupos siderurgia e produção de tubos de aço (PIM-PF/IBGE). O consumo de eletricidade no setor caiu principalmente em Minas Gerais.

O setor de fabricação de papel e celulose registrou 23 GWh de queda no consumo de eletricidade no trimestre, equivalente à 0,9% de redução. A segunda maior entre os eletrointensivos da indústria e em linha com a produção física do setor no período.

Produtos de metal (-0,2%) e produtos químicos (-0,1%), também retraem. Os dois setores juntos deixaram de consumir 7 GWh no trimestre. Em químicos, a queda no consumo pela entrada em hibernação de uma unidade eletrointensiva de cloro-álcalis foi parcialmente compensada pelo efeito da baixa base comparativa do consumo no 2º trimestre de 2025; quando a parada geral de manutenção em outra unidade eletrointensiva reduziu o consumo no setor.

Figura 4 | Brasil: Consumo Industrial por setor

VARIAÇÃO TRIMESTRAL DO CONSUMO INDUSTRIAL DE ELETRICIDADE							
10+ ELETROINTENSIVOS		PART.	Δ% 2º TRI.	10+ ELETROINTENSIVOS		PART.	Δ% 2º TRI.
	EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS	8,4%	+7,3%		TÊXTIL	3,1%	0,2%
	PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	14,2%	+3,1%		QUÍMICO	9,6%	-0,1%
	AUTOMOTIVO	3,6%	+1,4%		PRODUTOS METÁLICOS EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	2,2%	-0,2%
	BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO	6,0%	-1,0%		PAPEL E CELULOSE	5,1%	-0,9%
	MINERAIS NÃO-METÁLICOS	7,6%	0,9%		METALÚRGICO	24,4%	-3,1%

Nota: variação avaliada em Δ% entre o 2º trimestre de 2026 e o 2º trimestre de 2025.

Fonte: EPE, 2026.



SETOR RESIDENCIAL

Consumo residencial ganha ritmo no 2º trimestre e registra alta de 5,8%

O consumo de energia elétrica da classe residencial totalizou 45.762 GWh no 2º trimestre de 2026, expansão de 5,8% em relação ao mesmo período de 2025. O desempenho representa uma aceleração significativa em relação ao crescimento de 1,3% observado no 1º trimestre de 2026.

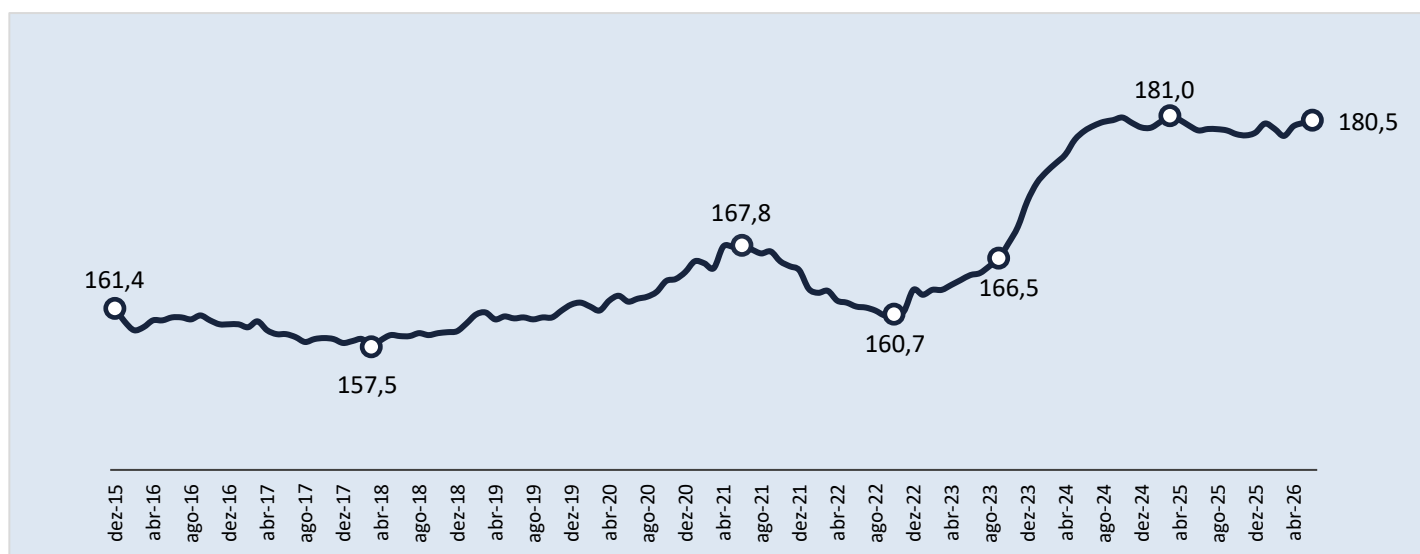
O crescimento do consumo residencial de eletricidade no 2º trimestre de 2026 esteve associado a uma combinação de fatores climáticos, econômicos e de faturamento. As temperaturas acima da média observadas em parte do país ao longo do trimestre, associadas à ocorrência de onda de calor em abril, favoreceram maior utilização de equipamentos de climatização no período. Na Região Sul, por outro lado, as temperaturas mais baixas observadas nos dois últimos meses do trimestre podem ter ampliado a demanda por aquecimento.

Adicionalmente, a expansão do número de unidades consumidoras residenciais contribuiu para sustentar o consumo no período. Em junho de 2026, esse contingente alcançou 85,1 milhões de unidades, crescimento de 2,2% em relação ao mesmo mês de 2025. Nos Sistemas Isolados, em sentido oposto, o número de consumidores residenciais recuou 33,3% na mesma comparação, totalizando 386,9 mil unidades, principalmente em decorrência da interligação de localidades do Pará, de Roraima e do Amazonas ao Sistema Interligado Nacional, o que reduziu de forma expressiva a base de consumidores atendida por esses sistemas.

A melhora das condições de emprego e renda e a crescente presença de eletrodomésticos nos domicílios também favoreceram o consumo. Em abril, o resultado foi ainda influenciado pelo maior ciclo de faturamento de algumas distribuidoras, enquanto, em junho, a condição tarifária foi relativamente mais favorável do que no mesmo mês de 2025.

O Consumo Residencial Médio (CRM) cresceu 0,6% em junho de 2026, na comparação com o mesmo mês de 2025, alcançando 180,5 kWh/mês. O avanço indica aumento do consumo médio por unidade consumidora, em linha com as condições climáticas e com as condições de renda e posse de equipamentos observadas no período.

Figura 5 | Brasil: Consumo residencial médio (kWh/mês)



Fonte: EPE, 2026.

Regionalmente, o consumo residencial de energia elétrica apresentou crescimento em todas as regiões do país no 2º trimestre de 2026. As maiores expansões ocorreram no Sul (+11,5%), Centro-Oeste (+7,5%), Norte (+6,2%) e Sudeste (+5,0%) e enquanto Nordeste (+1,8%) apresentou avanço mais moderado. A seguir, são apresentados os principais destaques do desempenho regional da classe residencial.

+6,2%

A região Norte registrou crescimento significativo no consumo residencial de energia elétrica no período analisado, com elevação de 6,2% e volume total de 3.663 GWh. No 1º semestre, a expansão alcançou 6,6%, a maior entre as regiões, embora tenha havido desaceleração em relação ao 1º trimestre do ano (+7,0%). Com exceção do Amazonas, todos os estados da região apresentaram variações positivas no consumo, com destaque para Amapá (+9,7%), Pará (+8,7%) e Tocantins (+7,0%). No Pará, o crescimento foi favorecido pelo aumento expressivo do número de consumidores e pela maior quantidade de dias faturados no período. Já no Tocantins e no Amapá, as temperaturas mais elevadas registradas durante o trimestre podem ter estimulado o uso de equipamentos de climatização, contribuindo para a expansão do consumo residencial.

+1,8%

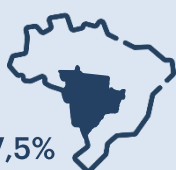
No Nordeste, o consumo residencial de energia elétrica totalizou 9.436 GWh no trimestre, com crescimento de 1,8%. Os principais destaques positivos foram Maranhão (+6,8%), Sergipe (+6,7%), Alagoas (+5,3%), Paraíba (+4,8%) e Piauí (+4,2%). Em sentido contrário, Rio Grande do Norte (-3,6%) e Pernambuco (-2,5%) contribuíram para conter o avanço regional. As temperaturas permaneceram elevadas ao longo do trimestre, com valores acima da média climatológica em grande parte da região. Além disso, o Nordeste apresentou a segunda maior taxa de expansão do número de consumidores residenciais entre as regiões (+2,7%) e o maior acréscimo absoluto, com 624.483 novas unidades consumidoras. A combinação entre temperaturas acima da média e a ampliação da base de consumidores pode ter contribuído para o aumento do consumo residencial de energia elétrica.

5,0%

O Sudeste apresentou crescimento de 5,0% no consumo residencial de energia elétrica no trimestre, revertendo a retração observada no trimestre imediatamente anterior. A região manteve a liderança em volume consumido, com 20.375 GWh no período. Todos os estados registraram variações positivas, com destaque para Espírito Santo (+10,4%) e Minas Gerais (+7,6%). Nesses estados, as condições mais quentes e secas em relação ao mesmo trimestre de 2025 podem ter favorecido o aumento do consumo residencial.

+11,5%

A região Sul atingiu a maior taxa de crescimento do consumo residencial de energia elétrica no período analisado, com alta de 11,5% e volume de 7.908 GWh. O resultado representou forte aceleração em relação ao 1º trimestre, quando o avanço havia sido de 1,3%. Todos os estados apresentaram crescimento expressivo, liderados por Santa Catarina (+14,0%) e Paraná (+13,5%), seguidos pelo Rio Grande do Sul (+8,8%). As condições climáticas podem ter contribuído para esse desempenho: períodos de temperaturas elevadas favoreceram o uso de equipamentos de refrigeração, enquanto episódios de frio intenso, associados à passagem de massas de ar frio, podem ter ampliado a utilização de equipamentos de aquecimento. Além disso, o efeito calendário, decorrente da ampliação do ciclo de faturamento de algumas distribuidoras do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, também pode ter influenciado o resultado; sem esse efeito, a taxa de crescimento seria menor.

+7,5%

O Centro-Oeste registrou alta de 7,5% no consumo residencial de energia elétrica no 2º trimestre do ano, alcançando 4.381 GWh. A expansão foi liderada por Mato Grosso do Sul (+11,1%), seguido por Mato Grosso (+8,6%) e Goiás (+8,2%). As temperaturas acima da média e as condições mais secas observadas em grande parte da região podem ter favorecido o aumento do consumo residencial. Além disso, na comparação entre junho de 2026 e junho de 2025, o Centro-Oeste apresentou a maior taxa de crescimento do número de consumidores residenciais entre as regiões (+2,7%) e o maior consumo residencial médio, de 218,4 kWh por unidade consumidora.

Figura 6 | Brasil: Variação do consumo de eletricidade no trimestre sobre igual período do ano anterior

		1º Tri (2026)	2º Tri (2026)	1º Semestre
	NORTE	7,0%	6,2%	6,6%
	NORDESTE	2,8%	1,8%	2,3%
	SUDESTE	-0,7%	5,0%	2,0%
	SUL	1,3%	11,9%	6,0%
	CENTRO-OESTE	3,9%	7,5%	5,6%
BRASIL		1,3%	5,8%	3,4%

Fonte: EPE, 2026.

MERCADO LIVRE

No 2º trimestre de 2026, o consumo livre avança 3,4%, enquanto consumo cativo cresce 2,0%

O mercado livre, com 65,8 TWh, respondeu por 45,7% do consumo nacional de energia elétrica no 2º trimestre de 2026, registrando crescimento de 3,4% no consumo e de 21,5% no número de consumidores, na comparação com mesmo período de 2025. A região Centro-Oeste registrou a maior expansão do consumo livre (+6,6%), enquanto a região Norte teve a maior expansão no número de consumidores livres (+33,0%). Contribuiu para esse resultado no mercado livre, principalmente, as expansões de 10,3% e 1,0% no consumo livre comercial e industrial, respectivamente.

Já o mercado regulado das distribuidoras, com 78,1 TWh, respondeu por 54,3% do consumo nacional de eletricidade no 2º trimestre de 2026, aumento de 2,0%. O número de unidades consumidoras aumentou 1,7% no período, mesmo com a migração de consumidores para o mercado livre. No mercado regulado, a região Sul teve a maior expansão do consumo (+5,9%), enquanto o Centro-Oeste teve também a maior expansão do número de consumidores cativos (+2,6%). As classes residencial e comercial expandiram em 5,8% e 0,5% o consumo cativo, enquanto as demais classes tiveram contração do consumo no mercado regulado.

Após a abertura do mercado livre para todos os consumidores do grupo A (alta tensão) em janeiro de 2024 (portaria do MME 50/2022), houve migração para o ACL de 25 mil consumidores em 2024 e outros 22 mil em 2025. Segundo relatório de migração do ACL da ANEEL de junho de 2025, há previsão de 11,5 mil consumidores migrarem em 2026.

A abertura do mercado livre tem mudado o perfil dos consumidores livres, ainda predominantemente industrial, ao permitir a migração de todo grupo A. Assim, a participação da classe industrial no consumo livre total cai de 74,5% no 2º trimestre de 2025 para 72,7% no 2º trimestre de 2026 (-1,7 pontos percentuais), enquanto as classes: comercial e outros (principalmente serviço público de Água, Esgoto e Saneamento) atingem, respectivamente, 19,2% (+1,2 p.p.) e 8,0% (+0,5% p.p.) de participação.

Coordenação Geral

Thiago Ivanoski Teixeira

Coordenação Executiva

Carla C. Lopes Achão

Coordenação Técnica

Glaucio Vinicius Ramalho Faria

Equipe Técnica

Bruno Eduardo Moreira Montezano

Flávia Camargo de Araújo

Lena Santini Souza Menezes Loureiro

Marcelo Henrique Cayres Loureiro

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas neste informe, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Dúvidas podem ser endereçadas ao e-mail copam@epe.gov.br



Para saber mais, acesse os seguintes dados na íntegra:

Resenha Mensal do Mercado de Eletricidade (<https://bit.ly/3e05DZu>)

Séries históricas de consumo mensal (<https://bit.ly/2LFHxqM>)